

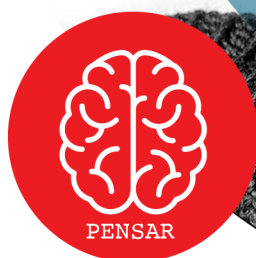


**ensaios.e
psicanálise.**

dez_2020 01

O ANIMAL QUE SABE

RACIONALIDADE | NATUREZA | ESSÊNCIA



A racionalidade não exclui do reino animal o homem, mas quando o homem se exclui do reino animal e da natureza, ele atesta não saber sua essência.



www.ensaiosepsicanalise.com.br



EDIÇÃO 01

Editor

Márcio Ferreira

Direção de Arte

Luiz Henrique Palermo Lanzana

Marketing Digital

Alexandre Silva Egidio

Redação

Márcio Ferreira

Revisão

Cinthia Maria Ramazzini Remaeh
(facebook.com/scribarevisao)

Orientação

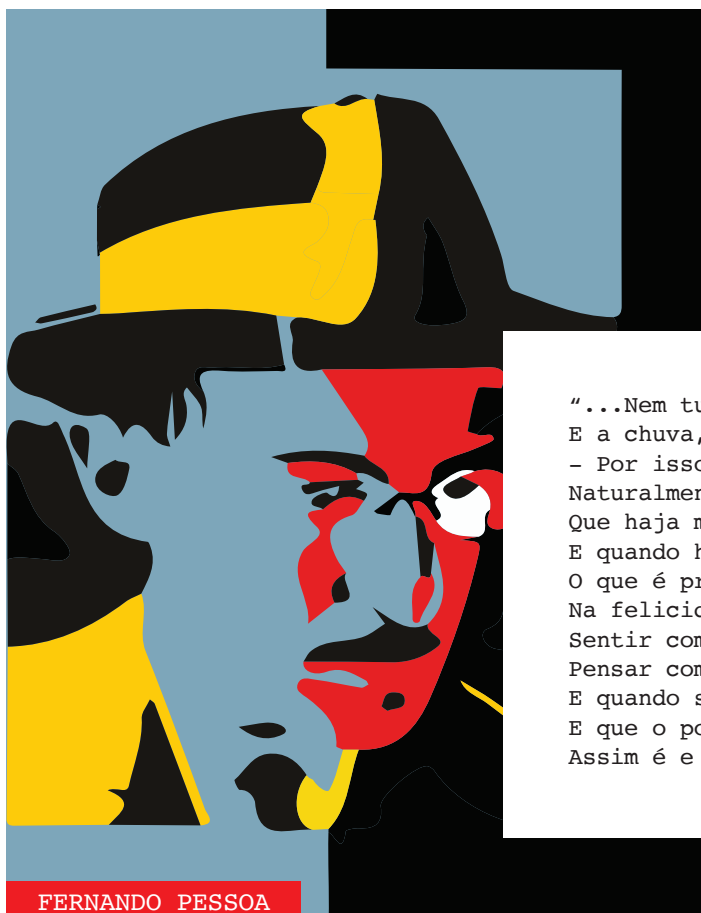
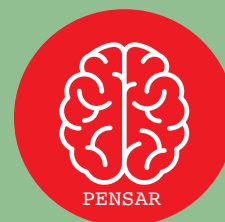
Wilson Buran
(@wilsonburanpsicanalista)
Patrícia Alcantara
(@patriciaalcantara_psicanalista)

Apoio

www.ensaiosepsicanalise.com.br

Data de Publicação

14/12/2020 - São Paulo/SP/BR



FERNANDO PESSOA

"...Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se
- Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E quando haja rochedos e erva...
O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja..."

EDITORIAL

Com alegria, iniciamos esta jornada: a primeira edição da revista “Ensaio e Psicanálise”.

A inspiração tem origem em homens e mulheres que se colocaram como sábios educadores e, mesmo que na informalidade, desempenham o papel de professores ao apresentar aqueles que trouxeram luz à humanidade através da mitologia, da filosofia e da psicanálise. Este ato de bravura e generosidade inunda a natureza humana e nossos corações com curiosidade e esperança de construirmos uma sociedade mais integrada.

É importante declarar que não temos a pretensão de estabelecermos verdades imutáveis e conceitos estáticos. Muito menos receitas de soluções ou caminhos a serem seguidos. Somos uma revista psicanalítica e é nosso dever gerar reflexão e debate com respeito à singularidade de cada um. Para isso, valores como ética, respeito, verdade e humildade devem nos acompanhar e fomentar nossas escolhas. A visão é que escritores e leitores possam sedimentar um melhor entendimento de si.

A cada edição será eleito um tema e esse será trabalhado em associações múltiplas e atemporais sob várias áreas do conhecimento. Aspiramos a que mitologia, história natural, filosofia, cotidiano, religião e psicanálise possam ter um ponto de encontro na alma humana.

O tema será construído como na confecção de uma colcha de retalhos, evitando linearidade e padronização. Metaforicamente, seria como em um processo analítico, em que se retira pedra por pedra dos muros psíquicos, em uma desconstrução de vários conteúdos, a partir da qual cada leitor irá ressignificar os fragmentos e edificá-los conforme seu próprio interesse e escolha.

ÍNDICE

02

O ANIMAL QUE SABE

10

IMPACTOS NA PSIQUE HUMANA COM A EVOLUÇÃO BÍPEDE (PARTE.1)

13

ESTÁ FALTANDO PLACENTA NA SUA VIDA?

16

UTOPIA É UM DESEJO INCONSCIENTE?

O ANIMAL QUE SABE

A diferença entre os homens e os animais citada em livros didáticos na formação escolar, é a capacidade de pensar. As características evolutivas do gênero **Homo**, segundo Darwin (**Homo erectus**, **Homo habilis** etc.) é a capacidade bípede, a qual permite, simultaneamente, correr e fazer uso dos membros superiores. Como exemplo, correr e manipular objetos (lança) em uma caçada. Entretanto, **“Homo sapiens sapiens”** (**“homem que sabe sabe”**) que é uma subespécie, inaugura um modo de pensar e se comunicar. E este é o homem moderno.

Skinner, com sua linha de pensamento behaviorista, afirma que o homem tinha a capacidade de se moldar através do objeto, ou seja, o ambiente controlava as

modificações no comportamento do homem. Contrapondo esta ideia, **Heidegger** trabalhou em seus livros o conceito: **“a pedra é sem mundo, o animal é pobre de mundo e o homem é formador de mundo.”** Os sentimentos como dor, medo e angústia, em seu propósito biológico e original, eram ferramentas em prol da sobrevivência do indivíduo, da continuidade de sua espécie, de forma a sensibilizá-lo quando em situação de risco. Já sentimentos como alegria, satisfação e euforia estão associados a conquistas e renovações de vida (como ao abater uma presa após dias de perseguição ou até mesmo em um orgasmo). Com todos esses sentimentos, a essência do viver era regulada e integrada com a natureza, na qual dor, alegria, medo, euforia etc., eram somente parte de sistema biológico, e tanto animais como homens partilhavam desse uso e usufruíam desse conceito para cumprir o propósito da espécie.

Com suas características de apreender e falar, o homem ressignificou esses sentimentos e os qualificou em negativos ou positivos, alterando o propósito de sua espécie. Em consequência disso,





• A FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Em *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo – finitude – solidão*, Heidegger defrontou-se diretamente com o problema de determinação da diferença entre o animal e o homem. Absolutamente avesso à tese tradicional, segundo a qual a racionalidade é a diferença específica do homem, ele tampouco pôde aceitar que esse questionamento fosse pautado em uma teoria da evolução das espécies, justamente por haver diagnosticado que toda teoria desse gênero já pressupõe determinações prévias, tanto do que seja o homem, como também do que seja o animal. A questão sobre se o homem desce ou não dos símios, por exemplo, já pressuporia uma diferença entre eles, ainda que não se proponha a pensá-la. Do mesmo modo, a afirmação de que essa diferença consiste na racionalidade não chega, para Heidegger, a questionar a essência da racionalidade.



• TRECHO DO LIVRO “O SER E O NADA” DE JEAN PAUL SARTRE

O animal é caracterizado como um ser-aberto, por ser-aberto no seu interagir [Benennen] e a isso chamamos de círculo envoltório. O animal carece da capacidade de apreender, como um ente, aquilo para que ele está aberto. Todavia, [...] ao homem pertence um ser-aberto... que se configura de tal modo, que este ser-aberto... tem o caráter do apreender algo como algo. A este modo de ligar-se ao ente denominamos comportamento [Verhalten], distinguindo-o do interagir dos animais.

ocorreu uma ruptura entre o natural e o racional, entre o corpo e a mente. E com a dissociação do racional, o que era mais agradável passou a ser retido e o desagradável, evitado. Desse modo, foram motivados pensamentos de construção de mundos perfeitos e idealizados e com estados almejados como segurança absoluta, eterno amor, felicidade duradoura e muitos outros. Assim, a intensidade e a duração dos sentimentos foram alteradas e o homem criou esconderijos e forjou cenários para que o negativo ficasse cada vez mais reprimido e recalado (no início da psicanálise, Freud criou conceitos como: “repressão e recalque” e “inconsciente”). Essa alusão à realidade levou a humanidade a travar uma grande luta contra o que era considerado negativo, gerando uma busca utópica (O que significa buscar o inatingível? Quais buscas inatingíveis você procura?).

criou conceitos como: “repressão e recalque” e “inconsciente”). Essa alusão à realidade levou a humanidade a travar uma grande luta contra o que era considerado negativo, gerando uma busca utópica (O que significa buscar o inatingível? Quais buscas inatingíveis você procura?).

A humanidade tem viajado cada vez mais por caminhos tecnologicamente

avançados (know-how), porém permanecendo com uma incompletude em sua alma, repleta de frustrações e, coloquialmente falando, com um sentimento de falta também inatingível. O ser humano se afasta e inverte o percurso em direção ao natural e estabelece uma nova relação com o corpo e o habitat em que está inserido, rompendo com suas origens primatas/animal e negando que faz parte de uma cadeia alimentar e de um sistema biológico de interdependência, colocando-se como o ser supremo do ecossistema.

O incômodo espaço entre o corpo e a mente, na “concepção psíquica”, não é um espaço onde poderia ser unificado. É entendido como algo que foi removido e, na tentativa de resolver esta “grande falta”, o corpo disponibiliza parte de sua energia endógena (energia interna do corpo e vital) para esse local. Desse modo, um núcleo energético é formado e metaforicamente falando, funciona como

um gerador autônomo, que cria cenários e situações fantasiosas na vida dos indivíduos, com o restrito foco de encontrar uma solução. Entretanto, como não existe uma falta e sim, um espaço, isso não é resolvido com tal mecanismo. Criam-se repetições que se espalham para vários seguimentos da vida do indivíduo. As contínuas tentativas levam o organismo a disponibilizar cada vez mais energia para o núcleo energético e, consequentemente, falta energia para o indivíduo, afastando-o de seu verdadeiro ser (self). Com o passar do tempo, esse indivíduo não se reconhece mais, pois tem a alucinação que ele é o que o núcleo criou, ou seja, um personagem de uma fantasia. O sujeito perde sua real identidade e pode-se dar a isso o nome de patologia. Pode-se afirmar que os sentimentos (dor, medo, angústia, satisfação, alegria e euforia citados neste texto) com suas atuais alterações de tempo e intensidade, transformam-se em sintomas. A respeito do homem moderno, não é possível afirmar que este perdeu sua identidade, mas pode-se conjecturar que esses fatos alteraram o seu propósito e a sua essência.

Seria simples demais atribuímos aos fatos discutidos acima, a responsabilidade pela escolha dos caminhos e situações de nossas vidas. Porém o sujeito, no caso humano, tem e pode ser diferente das características de nossa espécie. Esta é uma singularidade humana, a capacidade do sujeito de estabelecer o seu próprio propósito e não seguir o propósito de sua espécie. Considerando que o fator predisponente para constituição do sujeito, dentro de várias vertentes, é a sua saúde psíquica e nesta está a integração entre o sentimento e o racional, pode-se entender que não falta algo para preencher um espaço, o que falta é o pessoal e individual ato de auto-olhar para si, dissipar as fantasias (núcleo) e se integrar ao verdadeiro eu (self) (processo de individuação de Yung) -e quanta energia sobraria? E



que poderíamos fazer?. Temos a arrogância de nos julgarmos a melhor e mais evoluída espécie do mundo, mas não temos a coragem de dominarmos as nossas próprias patologias e sermos parte do planeta.

Retornando à humanidade, o Homo sapiens sapiens é prisioneiro de uma fantasia de falta e iludido num propósito de vida gerado por uma patologia de espécie.

O “homem que sabe sabe” não sabe que vive numa fantasia e, com sua arrogância, acha que sabe fazer o mundo e, ao fazê-lo, o destrói.

De alguma forma, há vários séculos, conceitos filosóficos e religiosos vêm reforçando a ideia entre o bem e mal (certo e errado) e vêm navegando na fantasia humana de uma busca por algo ideal. A cada geração, os pais têm em seu imaginário uma vida glamurosa e feliz para seus filhos. Essa esperança familiar, cada vez mais presente, tem intuito de aniquilar as frustrações. Mas a verdade é que provoca frustrações mais severas e com consequências danosas (vide informações da OMS).



**World Health
Organization**

NOTA: Ao longo da vida, uma em cada 10 pessoas precisará de cuidados com a saúde mental. Nos últimos 10 anos, os casos de depressão no mundo aumentaram 18%. A Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que, até 2020, essa será a doença mais incapacitante do planeta. Outros exemplos de enfermidades ligadas à saúde mental são ansiedade, mal-estar psicológico ou estresse continuado, atraso mental, compulsões e perturbações psicóticas, como a esquizofrenia.



• PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO SEGUNDO CARL JUNG

A individuação é a própria identidade de alguém, que é separada de qualquer outro indivíduo, desenvolve-se por meio do processo de individuação. A individuação é contínua e pode ser considerada um objetivo e um processo ao longo da vida.

Carl Jung defendeu a individuação como uma importante meta para a vida. Na psicologia junguiana, a individuação descreve um processo de autorrealização – a descoberta do propósito de vida de alguém ou o que se acredita ser o significado da vida, por exemplo. De acordo com a psicologia junguiana, quando os indivíduos perdem o contato com certos aspectos de si mesmos, podem ser capazes de reintegrar esses aspectos de sua natureza pela individuação. Como a individuação contribui para a diferenciação e a forma da psique individual, aqueles que não experimentam dificuldades com o processo contínuo de individuação podem achar mais fácil manter o bem-estar mental e emocional.

É preciso aprender a lidar com o negativo da mesma maneira que lidamos com o positivo. Isso é uma construção e deve ser uma meta. O autoconhecimento é a peça fundamental para a solução desse problema. A individuação busca estimular o indivíduo a despertar o melhor de si e do outro, tirando-o do isolamento e estimulando o outro a empreender uma convivência coletiva maior e saudável.

Assim como o corpo precisa de alimento para ser mantido e se desenvolver, a personalidade também precisa de experiências adequadas para individuar-se.

Resumindo, como não foi possível para os pais viverem em um mundo de fantasia (todo BOM), e sim, no mundo real (BOM e MAU), que pelo menos os filhos possam viver nesse mundo idealizado.

É possível afirmar que este é um exemplo de negação da ancestralidade e é uma neurose familiar da espécie Homo Sapiens, a qual tem sido passada de pais para filhos. A vivência desta realidade fantasiosa afasta o que é natural do ser e também o afasta da natureza. Cada vez mais temos indivíduos, cujos pensamentos e sentimentos não estão integrados ao próprio corpo (natural) e a natureza (sistema). Ao se estabelecer um melhor caminho ao nosso “self”, os filhos podem inverter esta neurose e transformá-la em esperança para uma humanidade melhor e mais ética. E por que não nos permitir alucinar, e chamarmos isso de uma evolução?

Como um dos exemplos de movimentos em prol do ideal “BOM”, pode-se citar a “psicologia positiva”, que ganha força, pois serve como alimento à fantasia (patologia) das pessoas. Podendo ser verificada em cada segmento do nosso cotidiano como no marketing e nas propagandas, nas aplicações de recursos humanos, nos livros de autoajuda e nas terapias paliativas. Adicionalmente, pode ser associada também aos vícios e ao consumo de drogas, sejam elas, ilícitas, farmacêuticas, ou até mesmo, nos agrotóxicos em nossa alimentação, pois essas também vêm aliviar a dor ou desconforto, removendo a chance de a pessoa achar seu caminho.

O conceito de “formação reativa”, nos “três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em 1905, de Freud, pode ser atribuído à humanidade, quando a alucinação de um mundo perfeito ou de uma vida só de prazeres se estabelece como numa formação reativa, em que esta se afasta de seus verdadeiros propósitos. Analogamente, pode-se compará-la à

Nota: A psicologia positiva é um movimento recente dentro da ciência psicológica, que visa fazer com que os psicólogos contemporâneos adotem “uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas” (Fonte: Sheldon & King, 2001, p. 216), enfatizando mais a busca pela felicidade humana que o estudo das doenças mentais.



condição de saúde “câncer”, que simplesmente podemos caracterizar como uma célula que se diferencia e fica estranha ao órgão, causando danos ao sistema. O homem se modifica e se diferencia e o efeito colateral é visto nas doenças corporais (Winnicott, em seu livro “Natureza Humana”, descreve esse efeito como somatizações, soma=corpo) e nas doenças psíquicas (exemplo: depressão).

Mas seria uma alucinação atribuir ao sentimento ou até mesmo à espécie Homo sapiens a responsabilidade pela geração de fantasias e da libido presa corporalmente. Nos animais, seria simples de entender, pois têm como propósito de trajetória viver e morrer, sobreviver para reproduzir e dar continuidade à espécie.

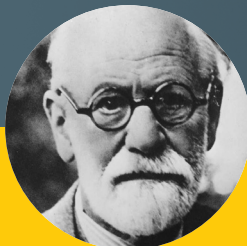
A eles, pode-se atribuir o termo instinto, que se expressa em ações como acasalar, buscar alimentos, construir ninhos, lutar, fugir, entre outros. O termo instinto, para o homem, perde o sentido, quando não encontramos um propósito e uma essência definida. Então, Freud o

renomeou como “Trieb”, que em português é traduzido como “Pulsão”. E esta gera movimentação na vida do indivíduo, porém não com um propósito definido, como nos animais, pois ele se configura individualmente, estabelecendo a grande diferença entre homens e animais.

Mas se o propósito é diferente, qual o propósito do ser humano? Se somos da mesma espécie, como podemos ter propósitos únicos para cada indivíduo? O que cada indivíduo quer (**Você quer?**)? Pode-se obter tudo que se quer? Você necessita de tudo o que quer?

Perguntas reflexivas, com respostas infinitas, para as quais cada um, “você”, deve achar sua resposta. Mas pode-se extrair um fator comum a todas elas: a busca pelo prazer! O sentir perde a prioridade quando se entende que o prazer rege o caminho do nosso propósito. “Se” o entendimento for o prazer como um propósito, cada indivíduo estabelecerá um desejo singular para atingi-lo. E ficam as perguntas:

Os desejos e prazeres de sua vida, não seriam os substitutos do prazer sexual (genital)? Necessidades e reponsabilidades sociais não são sacrificadas em prol de satisfação/prazer individual momentânea?



• ENERGIA

Freud escreve o projeto na tentativa de gerar uma explicação científica para a comunidade médica. Porém, mesmo abandonando este texto, cria conceitos importantes para a psicanálise. Chama a energia de libido. E a repressão desta libido provoca recalques e repetições com o objetivo de liberar a energia. Baseado neste conceito, Willian Reich desenvolve o conceito de couraça, de acordo com o qual, dependendo de como e quando esta energia é retida, ela gera determinado posicionamento no corpo. Reich chama esta energia de "orgone". Mas a grande contribuição deste conceito, tanto de Freud quanto de Reich é demonstrar que as emoções são liberadoras de energia. (livro Função do Orgasmo)

• COMPLEXO DE ÉDIP

Trecho do livro de Laplanche e Pontalis (1992)

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia.

Os animais, seres que não criam o mundo (referência ao conceito de Heidegger, apresentado nos parágrafos iniciais deste artigo), conseguem conter seus prazeres incontroláveis.

O sentir estabelece o limite para o prazer infinito e o limite está a favor da vida. O "não sentir", seja ele considerado bom ou mau, é a inversão da continuidade da espécie e leva, aos poucos, à destruição do indivíduo (**Você**) e à destruição do meio ambiente (**Homem que sabe sabe**).



IMPACTOS NA PSIQUE HUMANA COM A EVOLUÇÃO BÍPEDE

PARTE 01

Decorridos quase dois séculos, o livro “A origem das espécies” continua como uma montanha alta e sólida, influenciando o mundo, não só o acadêmico. Em 1831, Charles Darwin, ao largar a faculdade de medicina, é enviado por seu pai para ser clérigo da igreja anglicana, porém, embarca numa viagem de estudos ecológicos pelo mundo (exemplo mais famoso: ilha de Galápagos) e, como consequência, desenvolve a teoria evolucionista baseada na seleção natural.

Darwin dedicou uma vida inteira à coleta de dados e evidências sobre zoologia e botânica, fato que faz de seu trabalho algo rico, pois não é uma simples dialética filosófica ou hipótese acadêmica. Foram os fatos (o real) que edificaram esse trabalho. A teoria expressa, em seu livro, trilha na direção oposta dos dogmas e interesses religiosos, pois contesta o criacionismo divino e a explicação primária fornecida: “fé”. Mesmo assim, Darwin é sepultado ao lado de Isac Newton (o maior ícone da igreja Anglicana), na Catedral de Westminster, em Londres, onde eram sepultados grandes líderes religiosos do país, e que “coincidentemente” também eram reis.

É impossível não comparar a semelhança dessa história com a trajetória de Sigmund Freud que, em 1900, publica o livro “interpretação dos Sonhos”, considerado como um dos livros de maior influência no século 20, até hoje sendo possível perceber os desdobramentos que a psicanálise provocou em vários segmentos da sociedade.

O que torna a psicanálise influente? Assim como na teoria da evolução, Freud dedica uma vida inteira à investigação da mente humana. Em “Construções em análise” (1937) compara o trabalho do psicanalista ao trabalho do arqueólogo, quando encontra “fragmentos” através da interpretação e procura juntá-los, em mais de uma tentativa, para reconstruir o sujeito. Mas o que mais impressiona é a quebra de paradigma, visto que utiliza o homem (indivíduo) como lente de aumento. O ponto de partida é clínico, a dor psíquica do indivíduo. A visão individual e singular do paciente é depois correlacionada com os conhecimentos da humanidade (mitologia, literatura, filosofia, medicina e outros). Freud também se depara com barreiras morais e religiosas e como Darwin (outro “arqueólogo”), sofre grande repressão da sociedade.

Falar que somos originados dos chimpanzés e dizer que nossas patologias são de origem sexual consistem em feridas narcísicas e dolorosas para a humanidade. Seria colocar a mão num vespeiro social, no qual Darwin mexe com a arrogância e poder humano e Freud com o desejo incestuoso do complexo de Édipo.

Atualmente, sabemos que o conceito de hereditariedade e mutação (neodarwinismo) completaria o livro de Darwin (conceitos ainda desconhecidos naquela época para esses dois autores, tais tópicos serão explorados nas próximas edições desta revista).

É um choque para o ego humano saber/aceitar que somos animais e temos em nossa árvore genealógica um chimpanzé. Aceitar esse fato é aceitar uma ancestralidade e que somos filhos de chimpanzés e somos parte de um sistema e não soberanos à parte da natureza, pois nós somos a natureza. E quando lutamos contra os animais e o colocamos no hall dos extintos, muitas vezes até na parede como troféus, a humanidade está a vivenciar a última consequência do complexo de Édipo (matar os pais).



O bipedismo (ato de andar com duas patas, membros posteriores), segundo alguns museus de história natural (exemplo consultados: Londres e Nova York), apresentam a hipótese de que o homem passou a ser bípede por uma necessidade de adaptação da espécie para sobreviver às mudanças climáticas que estavam acontecendo na época. Porém este é um assunto longo para este artigo, e o que nos importa são as alterações anatômicas que ocorreram com a evolução bípede.

Vejamos, agora, um dos aspectos do parto. Características como: estreitamento do quadril nas fêmeas e o aumento craniano provocam, dentre outras, que as crias humanas precisem ser unitárias e nascer pré-maturas. Em outras palavras, quer dizer que o ser humano é parcialmente gestado fora da barriga da mãe, pois, caso contrário, não seria possível nascer, devido à diferença anatômica. E uma porção essencial da formação corpórea e psíquica não é desenvolvida a tempo para o nascimento. Inicialmente, isso provoca dois fatores.

Nota do Autor: Nesta edição, será abordada somente uma das características (alteração na bacia). Entretanto, em 2021, será feita uma edição dedicada à evolução humana.

Primeiro, o recém-nascido lida com o mundo novo ainda sem que a sua psique e corpo estejam formados. Não existe um sincronismo entre a formação do bebê e o nascimento (por isso o termo pré-maturo). É possível então especular que o corte do cordão umbilical não é eficaz, pois não é dado na hora certa. Este corte representa a definitiva passagem da fase gestacional para a fase aérea. Porém, este corte, apesar de fisicamente feito, é psiquicamente parcial, pois a mãe e o bebê continuam o processo gestacional fora da barriga. E com isso, a ligação mãe e bebê ganham intensas proporções. Como o primeiro corte já é permissivo, a mãe e o bebê ficam eternamente ligados

à espera deste corte (mais uma falta - ver artigo principal deste folhetim). A gestação fora da barriga perdura por anos e, muitas vezes, pela vida inteira do bebê (que na nossa espécie é descrita como 100 anos). A consequência disso é grave para a sociedade.

Segundo, a função do macho do rebanho (família), seria reproduzir e prover proteção e alimento, porém, agora, adiciona-se uma função paterna, a de dar limite ao filho. Mas o macho “homem” não pode dar limite total a este filho e cortar a ligação duradoura com a

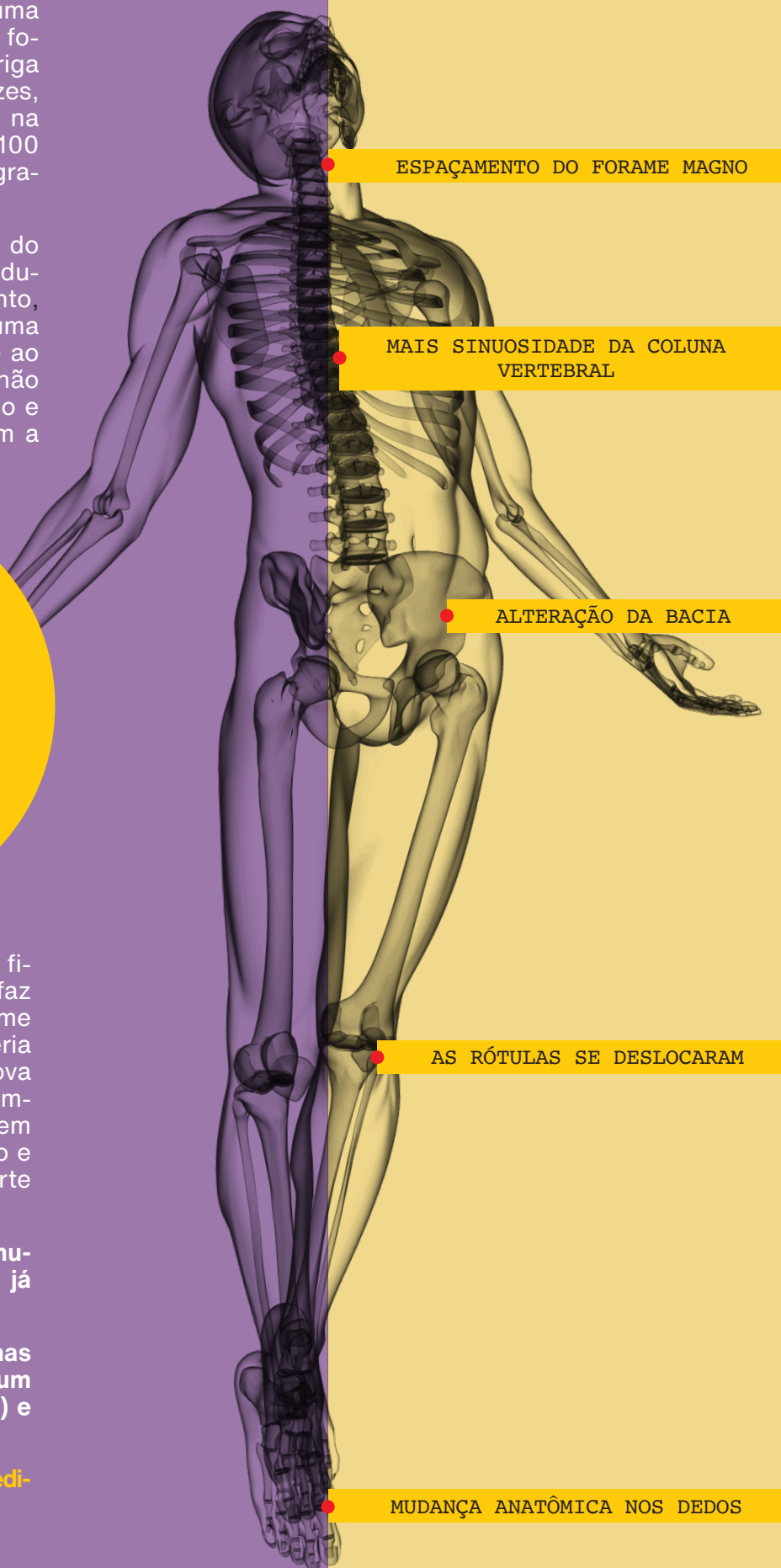
EVOLUÇÃO BÍPEDE DE CHIMPANZÉ PARA HOMO SAPIENS

mãe, pois senão sua prole (seu filho) morre. E esta concessão faz com que seu corte se transforme em castração. O corte, o qual seria apresentar o bebê para uma nova vida e estabelecer uma força impulsionadora, é transformado em castração, o que traz repressão e a força impulsionadora se inverte (perversão).

“Podemos conjecturar que o ser humano, por nascer pré-maturo, já nasce sem limite e perverso.”

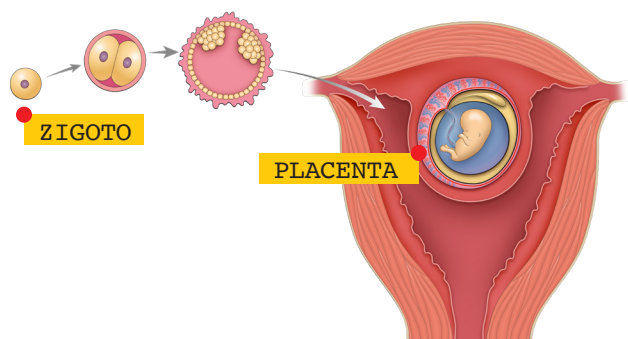
“As funções paternas e maternas estão em desequilíbrio com um bebê integrado (corpo e mente) e com a natureza.”

Este artigo continua na próxima edição. Não perca!



ESTÁ FALTANDO PLACENTA NA SUA VIDA?

Após a fecundação entre o espermatozoide e o óvulo, surge a primeira célula de um novo ser (o **zigoto**). Em alguns dias, o embrião é implantado na parede do útero materno. Em algumas semanas este se comunicará com ela através do cordão umbilical. Vamos aprofundar esta informação!



O cordão umbilical está diretamente ligado ao feto, mas não está diretamente ligado à mãe.

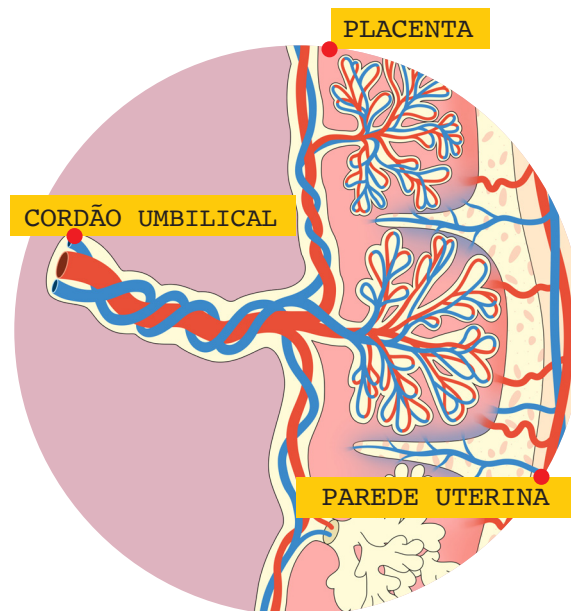
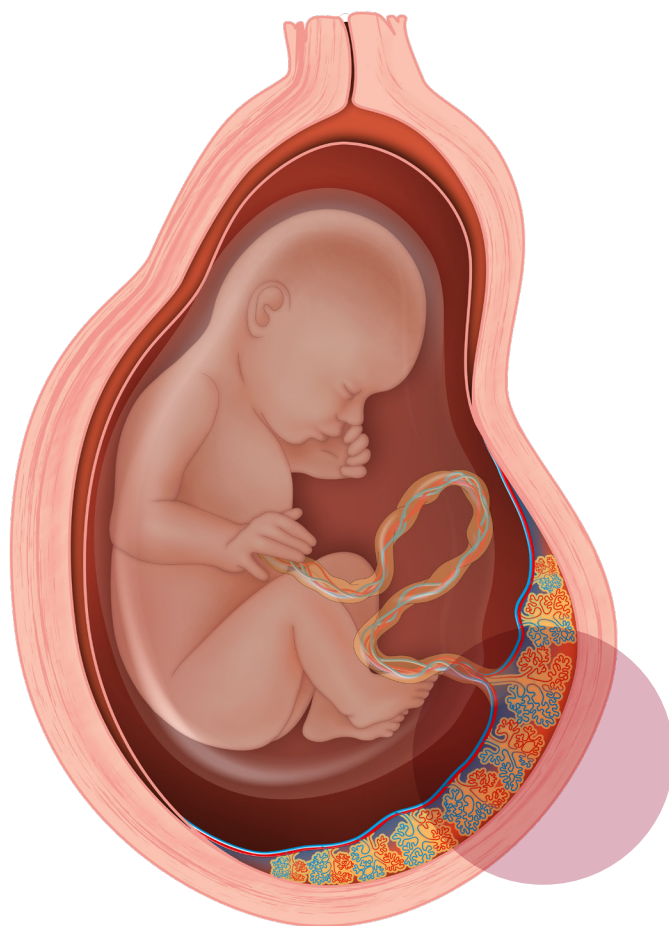


Na fase proliferativa do ciclo menstrual da mulher, o hormônio estrógeno provoca a proliferação das células do endométrio (acoplado à camada interna do útero) e na fase secretora, a progesterona prepara o endométrio para receber (implantar) o embrião no tecido. Caso não exista uma fecundação, ocorre o “sangramento”, que é comumente chamado de menstruação (fase menstrual).

As células do endométrio envolvem o embrião e formam um órgão acessório, a “**placenta**”, que é exclusivo da gestação, pois é expelido junto com o bebê quando ele nasce.

O embrião, durante sua formação, vai se dividindo em camadas (endoderme, ectoderme e mesoderme) e o desdobramento delas cria mais dois órgãos acessórios, o córion e o âmnion, que são membranas que fazem uma bolsa ao redor do feto, que dentre suas funções, a principal é proteger o bebê (exemplo: impactos físicos, sonoros e outros). O conjunto é chamado de **saco gestacional**.

O **cordão umbilical** é formado por duas artérias e uma veia que se liga à placenta. O útero materno não se liga a essas artérias/veias diretamente, ele se liga à placenta também por vasos sanguíneos. A transferência/comunicação entre a mãe e o bebê ocorre através de mecanismos químicos/biológicos (difusão, osmose e outros) e não físicos, diretamente ligados. Dessa forma, pode-se entender que o bebê está isolado no útero materno com sua companheira placenta, mas totalmente circundado do cuidado e proteção da mãe. Metaforicamente, podemos associar tal fato a uma ilha (ou planeta) inserido na imensidão do mar (galáxia) e onde também há várias outras ilhas (planetas). Todavia, quem está na ilha



O cordão umbilical não liga o feto diretamente à mamãe, mas sim à placenta e a comunicação entre a mamãe e o bebê ocorre através de mecanismos químicos/biológicos.

percebe somente a sua ilha e imagina ser único.

Olhando o desenho esquemático, pode-se perceber que no saco gestacional que envolve todo o feto e dentro dele a placenta, companheira inseparável do feto, eles formam uma dupla, um casal (em que um completa o outro) e como vivem unidos num mundo só, pode-se afirmar que são um só. Fazendo uma referência ao artigo principal **“O homem que sabe sabe”**, a vivência de um mundo perfeito pode ter sido experimentada no período gestacional. E não seria difícil associar a isso os relacionamentos amorosos e suas fantasias eternas.

Cabe ao feto formar seus tecidos, órgãos, sistemas e se transformar em algo completo, pois seu objetivo/propósito é nascer. Já a placenta tem a função de prover tudo que o feto precisa, pois ele tem muito trabalho pela frente: construir um organismo que funcione, com o “deadline” (prazo final) em 09 meses. Expandindo o

texto **“Impactos da psique humana com a evolução bípede”**.

O corte do cordão umbilical representa um rito de passagem de grande importância e significado para a formação da psique do bebê e o resultado dele depende da psique materna e paterna.

Uma possível forma de medirmos a sua eficiência é a capacidade de deixar a placenta (relação e função) para traz e manter sequência na vida. Na vida adulta, pode-se correlacioná-la ao processo decisório, quando um adulto necessita tomar decisões conscientes diariamente e que os benefícios das várias alternativas não escolhidas é enfrentar as consequências das que foram optadas sem um constante sentimento de retorno (retorno ao útero, vida com a placenta).

Com isso, várias culturas cultuam a placenta. Nos Estados Unidos, há quase vinte anos, mulheres comem a placenta. Em alguns países da América Central, ela é enterrada num ritual (luto). O assunto

sobre o destino da placenta é extenso e o curioso é que existe lei garantindo que a mulher tem direito à sua placenta ao sair dos hospitais.

Descrito em livro de fisiologia, seja origem biológica ou médica, a placenta fornece ao bebê troca gasosa (respiração), nutrientes, imunidade e hormônios.

Após 09 meses, o bebê atinge seu tamanho e o saco gestacional não mais comporta o seu tamanho e a placenta também não mais conseguirá prover ao bebê suas necessidades. E o mundo unitário (ilha) que era sólido e unido (eterno) é obrigado a nascer. No nascimento, a placenta está morta, bem como o sistema de ilha. O bebê assume todas as funções da placenta: ele precisa respirar, alimentar-se e sobreviver num mundo expandido.

E no nascimento ocorrem transferências simbólicas. A bolsa gestacional vira a pele, a placenta vira a mamãe, o cordão umbilical os olhos e seios maternos, mas ele perde sua cara metade, ele perde algo importante que era dele, pois estava debaixo da sua pele, era uma “união perfeita”.

A falta simbólica desse artefato pode ser eterna para ele e boa parte da humanidade envelhece com essa falta. A mãe tentará suprir tudo isso, porém o bebê nunca terá da mãe o que tinha da placenta (o mundo idealizado perfeito), pois no mundo expandido, a realidade é que a mãe irá fazer o que pode, pois ela não controla o ambiente como na gestação. O sentimento de falta que a mãe sente da sua própria placenta, por causa também de sua própria gestação, intensifica sua necessidade de controlar todos os fatores providos pelos órgãos acessórios gestacionais, do lado de fora. Por que ela também ainda não superou o sentimento de falta. Por isso, pode-se dizer que as mães da espécie humana alucinam na tentativa de ser muito mais do que uma mãe e se colocam como a substituta de uma placenta.



**ASSISTA O VIDEO
DESTE TEXTO**



UTOPIA É UM DESEJO INCONSCIENTE?

Em 1516, o inglês Thomas More, ex-estudante de Oxford e um influente homem em sua época, chegando a ser chanceler do rei Henrique IV, publicou o romance filosófico “Utopia”. O livro construiu fama de celebridade na época, pois seu conteúdo estimulava a psique humana, ao trazer uma história fantástica sobre uma sociedade idealizada. Narra, entre outros pontos, a harmonia de um governo bem organizado e sem conflitos, que proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz.

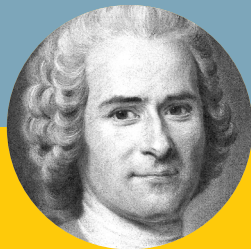
O livro “Utopia” faz uso de um formato singular para apresentar a discussão filosófica em torno do ideal, ou seja, ao invés de trabalhar com conceitos e argumentos, ele expõe uma situação concreta.

More cria o termo “Utopia” ao juntar duas palavras gregas: “ου” (não) e “τοπος” (lugar), significando, assim, um lugar que não existe no mundo real. Desde então, o conceito se consagrou como uma forma de caracterizar uma organização político/social ideal, geralmente



como contraponto às realidades que se apresentam.

Como exemplo, More cita uma ilha-reino (o conceito de “ilha/planeta” apresentado no texto deste folhetim - “Está faltando placenta na sua vida”-, pode ser associado à ilha-reino) que, pela descrição, pode ser associado à América, demonstrando como seria viável uma **sociedade sem propriedade privada e sem intolerância religiosa**, na qual a razão seria o critério para estabelecer condutas sociais e não o autoritarismo do Rei ou da Igreja. No contexto histórico da época, a Inglaterra do século XVI, o chefe de Estado (rei) e o líder da Igreja Anglicana estavam unificados na figura de Henrique VIII, isso como forma de reverter a proibição da Igreja Católica ao seu novo matrimônio.



Jean-Jacques Rousseau

A PROPRIEDADE PRIVADA INTRODUZ A DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS, A DIFERENÇA ENTRE O RICO E O POBRE, O PODEROSO E O FRACO, O SENHOR E O ESCRAVO, ATÉ A PREDOMINÂNCIA DO MAIS FORTE. O HOMEM É CORROMPIDO PELO PODER E ESMAÇADO PELA VIOLÊNCIA.

De modo similar, a obra “A República”, de Platão, se estabelece também como uma utopia, mesmo antes do conceito ter sido criado (aprox. 300 A.C), pois demonstra a criação de uma cidade governada por reis-filósofos para responder à questão “o que é justiça?”.

É impressionante a percepção da infinidade de obras escritas e cinematográficas que exploram o conceito utópico.

Algumas correntes filosóficas também correlacionam os Epicuristas ao utopismo de More. Sistema criado pelo filósofo ateniense Epicuro de Samos (século IV a.C.), o fundamento básico do Epicurismo é distinguir o desejo para encontrar a felicidade, buscar a saúde da alma, lembrando que o sentido da vida é o prazer, objetivo imediato de cada ação humana.

O extenso debate sobre as obras utopistas e a relação com os epicuristas é algo muito além deste simples texto, porém esta relação exemplifica o quanto é antigo o tema utopia e nos direciona para introduzir outro conceito intimamente associado e que permanece forte na mente e nos desejos humanos: **“Era Dourada”**.

A “Era Dourada” (“Era de Ouro”) vem dos mitos gregos e de histórias de povos arcaicos. No início da humanidade, algumas épocas são relacionadas ao estado ideal (utopia), quando o gênero humano era puro e imortal. Na atualidade, é comum perceber pessoas dizendo que antigamente era bem melhor, no passado era muito mais organizado, ou muito mais tranquilo, ou muito mais feliz; era uma época isso ou aquilo...

A “Era Dourada” é conhecida como um período de paz, harmonia, estabilidade e prosperidade, e **geralmente o termina com um acontecimento devastador, identificado como a “queda o homem”**.

Nota do Autor: “Queda do Homem: refere-se à primeira passagem do homem de um estado de inocência e obediência a Deus (Pai) para um estado de culpa e desobediência. Na próxima edição da revista Ensaaios e Psicanálise, a relação entre Zeus e Prometeu e a criação da humanidade será amplamente explorada. Aguardem!

É possível se aprofundar nessas histórias e entender a dimensão do conceito, no livro Hamlet’s Mill, no qual são relatados mais de 200 mitos em mais de 30 culturas antigas e suas histórias folclóricas. Fica claro que a busca do ideal não é somente antiga, mas disseminada pela humanidade.

Alguns utopistas, sejam políticos ou religiosos, reforçam que a “era dourada” terá seu retorno após o atual “período de bem-aventuranças e progressiva decadência”. Exemplo disso é que muitos hindus dos dias modernos acreditam que uma era dourada retornará gradualmente como uma consequência natural das mudanças. A história de “Adão e Eva no paraíso” é uma das mais famosas histórias bíblicas e um grande exemplo de mundo ideal, que após o “pecado original” se transformou em lugar real. A história “A arca de Noé” é a trajetória por uma terra onde a comunidade seria harmônica, havendo o retorno ao paraíso e, se porventura, este não acontecesse, existiria na morte o retorno ao paraíso. (Na próxima edição, essa história será relacionada com a história mítica grega de Zeus e Prometeu.)

O artigo, “O animal que sabe”, faz similar menção ao desejo do indivíduo de permanência num estado de harmonia e felicidade, só que não coletivo/socialmente, mas reduzindo e trazendo a utopia de Thomas More para si. E a isso podemos ainda relacionar a visão citada no Folhetim de “mundo único” (bolsa gestacional), de acordo com a qual, todos os bebês humanos viveram em um mundo real muito próximo de um mundo ideal. Porém como citado nesse texto, “era dourada”, a perspectiva, tal como na “queda do homem”, ou seja, quando o ideal vira real, ou a bolsa gestacional se rompe e o bebê nasce, encontrando uma verdadeira realidade, é possível supor que a utopia coletiva seja a projeção de um desejo infantilizado e inconsciente de retorno ao paraíso, que nada mais seria do que o retorno à barriga da mãe na gestação.

Pode-se conjecturar, desse modo, que os ritos de passagem que a criança vivenciou (corte umbilical, desmame, complexo de Édipo...), levaram-na, parcialmente (aos pedaços), para as fases seguintes, chegando ao cume “fase adulta” aos pedaços, deixando fragmentos de si em cada fase atravessada e algumas, se quer chegando à fase adulta (independente da idade). Reafirmando o texto “O animal que sabe”, o corpo desloca muita energia vital para os pedaços/espacos que ficaram nas fases anteriores, a fim de reparar e juntá-los em uma só unidade. O desejo inconsciente por um mundo perfeito e retorno ao estado gestacional, levará o indivíduo a distorcer a realidade para cumprir este desejo (utopia).

O pensamento de Adolf Hitler acobertava ações genocidas cometidas por seus associados, com o discurso de que após o massacre nasceria um mundo melhor (ideal). Pode-se entender que Hitler vendia uma futura sociedade/vida utópica (“mundo ideal”, “um paraíso”) e o pagamento eram todos os extensos crimes cometidos, os quais eram abonados e justificados em prol de algo inatingível, porém almejado pelo homem. É comum estudar/traçar um perfil de Hitler e suas ideias para que sejam evitados movimentos como esses no futuro. Mas não menos importante é entendermos as consequências e força dos desejos utópicos que cada indivíduo possui e que, muitas vezes, por fazerem parte do inconsciente, são atribuídos (projetados) ao coletivo e justificados pela existência de um líder. A distorção do pensamento de Darwin (relação com o texto **“Impactos da psique humana com a evolução bípede”**), de acordo com o qual as espécies são imutáveis e vão se adaptando em consonância com a reprodução de antepassados mais adaptados, foi base, não para entender e se integrar ao natural, mas para fomentar cientificamente se somente existisse ou se cruzasse (reproduzisse) uma raça, dita como pura, seria atingido o completo estado de “perfeito”.

Pode-se entender a sentença anterior como uma falácia, pois apesar da resposta estar correta, as premissas são falsas. Logo, a conclusão também ganha o status de falsa (Lógica Aristotélica).



Fazendo uso de conceitos científicos e distorcendo os argumentos, disfarça-se a realidade/verdade para achar um caminho seguro (sem culpa) para cumprir o desejo. Psicanaliticamente, associamos isso ao conceito de mecanismo de defesa do ego: intelectualização.

O texto “O corpo utópico”, de Michel Foucault, referencia o corpo humano como o limite do eu, onde não se pode estar em outro lugar, senão, somente no seu corpo.

Seguem trechos do texto: “Espaço e lugar. Eis o corpo, me coloca no meu lugar. Utopia é o não-lugar ou o lugar nenhum. E se falo de corpo utópico, necessariamente falo de corpo em associação a lugar e espaço”... Ele afirma que “meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o

qual, em sentido estrito, eu me corporizo”....“Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado”.

O corpo é o lugar e, por isso mesmo, não é utopia. Foucault dedica-se a mostrar como o corpo é anulado pelas utopias que são a sua própria anulação. E quando a pessoa se desloca para uma utopia, essa estaria saindo do seu corpo, atravessando o limite do que é físico e caminhando para uma ficção. Trabalhado neste Folhetim, o limite (exemplo: corte do cordão umbilical) proporciona o impulso que nos leva à continuidade da vida. O não do limite nos leva a atravessar a delimitação e, se fora corpo, gera um espaço entre o corpo e a mente, extensamente aqui trabalhado, quando relacionado ao “sentimento de falta”. A situação em que uma mente é dissociada de um corpo é referendada por Freud como a estrutura da psicose.

Nas obras de Sigmund Freud não se encontra uma referência direta ao termo utopia, entretanto, nas obras “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar da civilização”, os trechos relatados por Elizabeth Roudinesco e Michel Plon podem levar a uma significativa reflexão:

“As ideias religiosas constituem a realização dos mais antigos anseios da humanidade. Antes de mais nada, o de nos protegermos da onipotência da natureza, sem termos que suportar as limitações e as privações trazidas pela cultura. Mas tal resultado é impossível: assim Freud sublima que ilusão não é um erro, nem tampouco é passível de ser assimilada à ideia delirante (que se caracteriza pelo fato de estar em total contradição com a realidade). A ilusão, esclarece Freud, não é necessariamente falsa, mas se caracteriza pelo fato de ser um produto dos desejos humanos: que uma jovem de situação modesta sonhe casar-se com um príncipe diz algo sobre o desejo da moça, sem ser totalmente falso, já que há sempre uma possibilidade, por mais ínfima que seja, de que esse sonho se realize. A ilusão, para se manter, não precisa ser confirmada pelo real.”

“... a vida humana se caracteriza pelo fato de que os objetivos do princípio do prazer, a busca do gozo máximo e a evitação da dor não podem ser atingidos em razão própria - “ordem do universo”. Decorre daí que o homem está muito mais apto a vivenciar a infelicidade: aquela que lhe é infringida pelo sofrimento do corpo, pela hostilidade do mundo externo e pela insatisfação que lhe proporcionam as relações com os outros. Assim como no princípio do prazer, submeter-se ao princípio de realidade ao se confrontar com o mundo externo, o homem, frente a esses obstáculos, renuncia à felicidade, para a qual obviamente não foi feito, e procura meios de atenuar ou eliminar o sofrimento. Freud faz levantamento de três meios essenciais, a neurose, a intoxicação e psicose...”





**CONHEÇA NOSSO SITE, CADASTRE-SE E
RECEBA NOVIDADES POR E-MAIL**

www.ensaiosepsicanalise.com.br



**CURIOSIDADES, PENSAMENTOS, REFLEXÕES,
AUTOCONHECIMENTO E MUITO MAIS.
UM CANAL ABERTO PARA A TROCA DE IDEIAS
E PARA O EXERCÍCIO DA ADVERSIDADE.
PARTICIPE DE NOSSAS REDES SOCIAIS.**



YOUTUBE.COM/
c/ensaiosepsicanalise



FACEBOOK.COM/
ensaiosepsicanalise



INSTAGRAM.COM/
ensaiosepsicanalise



pensar é plural . ser é singular